

500 mil mães morrem por ano no mundo

Relatório da ONU mostra problemas de saúde nos países em desenvolvimento

ROBERTA JANSEN

RIO – Quase metade das mulheres que vivem nos países em desenvolvimento não recebe nenhum tipo de assistência profissional na hora do parto. Relatório anual da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre a situação da população mundial mostra que, nesses países, 47% dos nascimentos (52,4 milhões por ano) não são assistidos por profissionais de saúde. De acordo com o documento, divulgado ontem, 30% das grávidas nessas regiões (38 milhões por ano) não contam com nenhum tipo de cuidado pré-natal. Esses números são estimativas feitas pela ONU a partir de dados enviados pelos países.

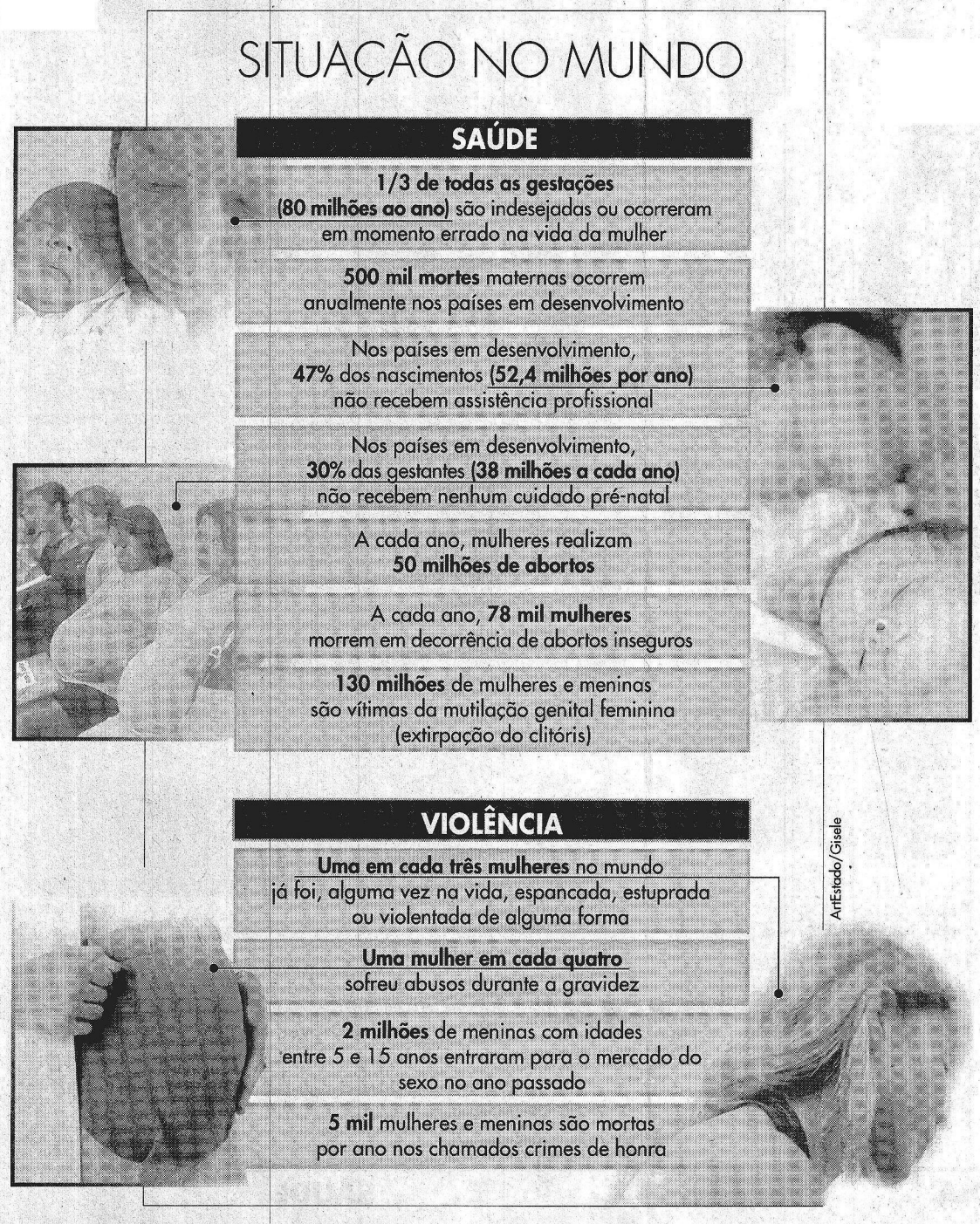
A falta de atendimento pré-natal e de assistência na hora do parto é a principal responsável pelas 500 mil mortes maternas registradas a cada ano nos países em desenvolvimento. O relatório mostra que a maioria das mortes (61%) ocorre após o parto, em razão de hemorragias, distúrbios relacionados à hipertensão e septicemia – e 24% ocorrem durante a gravidez.

O documento ressalta a importância da presença de profissionais de saúde na hora do parto e do pré-natal, bem como dos cuidados com a higiene e o planejamento familiar.

Segundo o texto, um dos principais objetivos da Conferência sobre População e Desenvolvimento, realizada pela ONU no Cairo em 1994, foi o acesso universal a serviços de higiene sexual e saúde reprodutiva.

Aborto – Outro grave problema de saúde feminina é o aborto, especialmente nos países menos desenvolvidos. De acordo com a ONU, a cada ano são realizados 50 milhões de abortos em todo o mundo, o que

resulta na morte de 78 mil mulheres, além de problemas e sofrimento em milhões delas. O relatório mostra que pelo menos 20 milhões de abortos são feitos sem nenhum tipo de segurança e um quarto das mulheres que se submetem a esse tipo de procedimento tem entre 15 e 19 anos. Na avaliação dos es-



pecialistas da ONU, cuidados básicos reduziram essas mortes em até 50%.

O relatório revela ainda que o planejamento familiar é repudiado por muitos homens, que o encaram como uma perda de controle sobre a fertilidade feminina. Estima-se que, atualmente, cerca de um terço de todas as gestações (80 milhões por ano) são indesejadas ou ocorrem em um momento considerado errado da vida da mulher.

O documento, no entanto, aponta uma tendência de melhora nessa situação. Estudos feitos em diversos locais mostram que, ao longo dos próximos 15 anos, o número de mulheres que utilizam anticoncepcionais deverá aumentar em cerca de 40% nos países em desenvolvimento.

Outro problema de saúde pública está relacionado à mutilação genital feminina – espécie de circuncisão em

que o clitóris é parcial ou totalmente extirpado. De acordo com os dados levantados pela ONU, a prática da mutilação atinge 130 milhões de jovens, a maioria na África e oeste da Ásia. Realizada por motivos culturais – acredita-se que a sexualidade feminina deva ser controlada –, a mutilação ocorre quase sempre em condições de pouca ou nenhuma higiene. Em decorrência do procedimento, as mulheres correm o risco de ter hemorragias e infecções genitais que podem até levar à esterilização.

O relatório mostra ainda que a aids continua sendo um sério problema na África, especialmente entre as mulheres. Atualmente, a doença é a primeira causa de morte nesse continente, com 16,3 milhões de vítimas. Em 1999, havia na África 34,3 milhões de pessoas infectadas e o número de mulheres contaminadas já ultrapassa o de homens em 2 milhões. O relatório atribui à cultura e à biologia o fato de as mulheres serem mais vulneráveis ao contágio.

PREVISÃO
É DE
MELHORIA
EM 15 ANOS